

# Estados afectivos, percepção do risco e do suporte social: A familiaridade e a relevância como moderadores nas respostas de congruência com o estado de espírito

ANÍBAL MANUEL PEREIRA HENRIQUES (\*)  
MARIA LUÍSA LIMA (\*\*)

Muitos dos autores que nos últimos anos estudam o efeito dos estados afectivos nos processos de raciocínio e tomada de decisão, adoptam uma abordagem baseada na valência dos afectos, contrastando a influência de estados afectivos positivos e estados afectivos negativos. O seu trabalho conduziu à hipótese da «valência prototípica» ou das respostas congruentes com o estado de espírito: a presença de um estado de espírito (positivo ou negativo) aumenta a estimativa da frequência de acontecimentos da mesma valência. Este efeito de congruência, apesar de não constituir um fenómeno universal, tem sido observado de forma consistente nas mais diversas áreas da cognição social (para uma revisão, ver Eich, Kihlstrom, Bower, Forgas, & Niedenthal, 2000): nas percepções acerca do próprio

(Forgas, Bower, & Krantz, 1984; Sedikides, 1995), mas também nas impressões acerca de pessoas (Forgas, 1992; Forgas & Bower, 1987) ou nos estereótipos de grupos étnicos (Forgas & Moylan, 1991).

Tais efeitos de congruência têm sido explicados como resultantes de processos assentes em diferentes perspectivas teóricas. Uma das perspectivas mais produtivas foi proposta por Bower (1981), que defendeu que os sujeitos, ao ajuizar ou tomar uma decisão atendem, codificam e recuperam informação de uma forma selectiva e congruente com o seu estado afectivo, através dos efeitos informativos de processos de memória submetidos aos princípios das redes semânticas (associativas) e dos processos «state-dependent recall» e «mood-congruent recall» (Bower, 1981, 1991). Trata-se de um mecanismo assente na teoria das redes associativas – «affect-priming» – teoria de raiz neuronal, inspirada nos modelos das redes semânticas. Surge dos trabalhos da psicologia cognitiva sobre afectos e memória (Bower, 1981) e postula que os nódulos da

---

(\*) Universidade Independente, Lisboa.

(\*\*) Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.

rede neuronal que correspondem a estados emocionais têm ligações associativas com conceitos, esquemas e acontecimentos, que são activados frequentemente enquanto dura uma determinada emoção. O material aprendido num estado emocional, ficaria associativamente ligado a esse estado, e como resultado, ideias consistentes com esse afecto atingiriam com maior probabilidade rapidamente o limiar de activação e orientariam de forma selectiva mecanismos como a atenção, a aprendizagem, as associações ou a recordação. Nesta perspectiva, a influência dos estados afectivos na resposta de congruência seria indirecta, mediada por conteúdos cognitivos.

Uma perspectiva alternativa foi apresentada por Schwarz e Clore (1988), que sugeriram a ocorrência de respostas congruentes com o afecto quando os sujeitos recorrem ao seu próprio estado afectivo momentâneo como uma heurística, atalho cognitivo, que orienta julgamentos, escolhas ou tomadas de decisão (Clore & Parrot, 1991; Clore, Schwarz & Conway, 1994; Schwarz & Clore, 1983, 1988; Wyer & Srull, 1989). A sua Teoria do afecto como fonte de informação (*affect-as-information*), sugere que não avaliamos as pessoas e os objectos com base em informação fundamentada no alvo que surge na mente nesse momento, mas que em determinadas circunstâncias utilizamos o nosso estado afectivo como uma heurística simplificadora e enviesadora do raciocínio, questionando-nos «como é que eu sinto acerca disto?» A influência das emoções neste tipo de juízos seria directa, sem mediação cognitiva.

No exemplo mais clássico (Schwarz & Clore, 1983), quando interrogados acerca da satisfação com a sua vida, os sujeitos deram respostas mais positivas quando questionados num dia quente e de sol do que quando questionados num dia frio e com chuva. Deste modo, um determinado estado de espírito poderia servir como comprovação de uma gama alargada de juízos, desde que os acontecimentos sobre os quais se ajuíza sejam congruentes com ele. Por exemplo, quando nos sentimos ansiosos, podemos avaliar todas as possíveis ameaças como mais prováveis e mais perigosas, sendo a ansiedade tratada como sinal da realidade do perigo. Um outro estudo interessante surge directamente da teoria do «afecto-como-fonte-de-informação», e testa a capacidade

predictiva desta teoria: o efeito informativo do estado afectivo sobre a avaliação do alvo só se faz sentir se o valor deste mesmo estado afectivo não for descontado (Gaspar & Clore, 1998). Os resultados sugerem que sujeitos cujo traço de personalidade é consistente com o seu estado ansioso experimentalmente induzido, assumem com maior prontidão o seu estado afectivo como informativo (verificando-se o seu efeito na estimativa do risco) do que os sujeitos experimentalmente ansiosos mas «traço-inconsistentes» (Gasper & Clore, 1998). Ou seja, o efeito de congruência só se verifica se os sujeitos atribuírem valor ao seu estado afectivo, e não o descontarem.

Uma terceira perspectiva teórica, a Teoria da Infusão de Afecto (Forgas, 1995), surge entretanto como uma tentativa de integração das duas teorias anteriores, procurando predizer quer respostas de congruência quer de ausência das mesmas. Nasceu das limitações das teorias disponíveis, e também de uma chamada de atenção, feita em 1991 por Klaus Fiedler, para uma dicotomia processual que contrastava processos construtivos *versus* processos não construtivos, e que abriu caminho para a defesa de uma maior pluralidade de mecanismos de processamento, medeados pelas características do alvo, do sujeito e da situação, resultando numa teoria menos universalista e mais contextualista.

Foi nestas teorias, e em particular na Teoria da Infusão de Afecto, que nos baseámos para efectuar os nossos estudos. Por um lado queríamos testar a hipótese de respostas congruentes com o estado de espírito em processos cognitivos relacionados com a percepção do suporte social e do risco, ainda pouco estudados. Por outro quisemos testar uma teoria que, para além de menos universalista e mais contextualista que outras, nos parecia propôr uma integração interessante das hipóteses mais testadas nas duas primeiras décadas de estudo da natureza da relação entre estados afectivos e processos cognitivos.

#### ***A Teoria da Infusão de Afecto: pressupostos básicos e potencial predictivo***

Enquadrada no paradigma do processamento da informação (Forgas, 1995), esta teoria propõe quatro estratégias de processamento distintas, com diferentes potenciais de contaminação ou infusão do afecto. As duas primeiras, que classi-

fica de «baixa infusão» – o acesso directo a informação pré-existente, e o processamento motivado ao serviço de um objectivo pré-existente – envolveriam padrões de pesquisa directa ou pré-determinada da informação e requerem processamentos pouco construtivos e produtivos, que limitem o alcance dos efeitos infusivos do afecto. Isto é, em ambos os tipos de raciocínio não observaremos efeitos de congruência com o estado emocional. O primeiro porque recorre a rotinas ou conhecimentos pré-concebidos, o segundo porque a motivação básica é controlar o estado emocional – manter o estado de espírito positivo, ou recuperar de estado de espírito negativo.

Em contraste, quando a avaliação ou o alvo requerem um grau construtivo de processamento – por exemplo, alvos de conteúdo pouco familiar, e com maior ou menor relevância pessoal – os sujeitos recorrerão quer a uma heurística simplificada quer a uma estratégia de processamento produtiva e substancial (Forgas, 1995). Estas estratégias de «alta infusão» implicam um pensamento com algum grau de abertura e criatividade no qual o afecto pode, directa ou indirectamente, influenciar de forma congruente o resultado final.

Segundo o autor, vários estudos ilustram a presença de três grupos de variáveis (familiaridade, complexidade e estereotipia do alvo; relevância pessoal, motivações, disponibilidade/capacidade cognitiva do sujeito ajuizador; o rigor e a pressão social impostos pela situação) que determinam o tipo de processamento. Por exemplo Srull (1983, 1984) descobriu que o estado de espírito dos sujeitos não tinha nenhuma influência na avaliação de produtos familiares (passíveis de processamento por acesso directo), enquanto que a avaliação de produtos não familiares eram significativamente influenciada pelo estado afectivo dos sujeitos. Contudo, alvos muito familiares poderão ser processados de forma substantiva, dando lugar a maior infusão de afecto, quando a relevância pessoal é maior (Forgas, Levinger & Moylan, 1994). Ou ainda estudos que, segundo Forgas (1989, 1991c), revelam que a combinação de relevância pessoal elevada e estado de espírito negativo conduz à adopção selectiva de uma estratégia de processamento motivada para a recuperação de estado de espírito.

Este modelo permite-nos pois compreender melhor a diversidade de resultados que a investigação tem produzido, as suas predições sendo não apenas mais discriminativas como indo para além das situações em que o afecto conduz a uma avaliação afecto-congruente. Assim, de acordo com esta teoria o efeito de congruência verifica-se a) se houver motivação pessoal (preferência por chegar a um determinado resultado final que permita manter estado de espírito positivo ou recuperar de estado de espírito negativo, em vez de qualquer outra inferência) e emoções positivas – estratégia de processamento motivado; b) se o alvo for pouco familiar, de baixa relevância pessoal, o sujeito dispuser de pouco tempo, e o estado afectivo não sofrer um efeito de desconto – estratégia de processamento heurístico; c) se o alvo for pouco familiar, complexo e atípico, o sujeito tiver capacidade cognitiva adequada, dispuser de tempo e motivação para a exactidão – processamento substantivo. O efeito de congruência não se verifica a) se os estímulos forem bem conhecidos ou familiares, típicos, e não houver forte envolvimento pessoal – neste caso, verifica-se um processo de decisão por acesso directo; b) se houver motivação pessoal e emoções negativas, verificando-se mesmo efeitos contrários, para manter ou recuperar estado de espírito – neste caso recorreu-se a uma estratégia de processamento motivada; c) se o estado afectivo for atribuído à indução – «efeito de desconto».

Nos nossos estudos pretendemos precisamente testar o valor preditivo deste modelo, menos universalista e mais contextualista, em áreas de raciocínio social em que a subjectividade e os afectos parecem intervir: a da percepção do suporte social e a da percepção do risco.

# 1. ESTUDO 1

## A RELEVÂNCIA E A FAMILIARIDADE COMO MODERADORES DA INFLUÊNCIA DE ESTADOS AFECTIVOS NA PERCEPÇÃO DE SUPORTE SOCIAL

A percepção do suporte social surge na literatura como uma área do pensamento social que se julga estar particularmente ligada a estados afectivos e emocionais. É em situações de maior

stress ou face a acontecimentos de vida ameaçadores e traumáticos, que o suporte social, quer emocional quer instrumental, surge como mais relevante para as pessoas (Kaniasty & Norris, 1995). Para alguns, o suporte social percebido é indubitavelmente mais do que cognição pura:

«More enduring support schemas, and more spontaneous support statements, are interwoven with positive emotions such as contentment and warmth, happiness and joy, as opposed to negative emotions such as anxiety, depression, and anger.» (Proci-dano & Smith, 1997, p. 96).

A investigação nesta área, nomeadamente a que refere a sua provável influência protectora («stress-buffering») na saúde e no bem-estar (Cassel, 1976; Cobb, 1976; Cohen & Wills, 1985), tem enfatizado uma potencial relação causal entre a percepção de baixo suporte social e estados emocionais negativos. Por exemplo, no que refere aos estados depressivos, Henderson (1992) concluiu através de uma meta-análise baseada em 35 estudos realizados entre 1975 e 1988, que a percepção de suporte social deficitário aumenta o risco de desenvolvimento de sintomas de depressão.

Contudo, também surgiram indícios de que pessoas em estados de espírito negativo fazem avaliações negativas do suporte social: ao testarem a relação entre diferentes estados de espírito induzidos e a avaliação em medidas de suporte social percebido e suporte social recebido, Cohen, Towbes e Flocco (1988) verificaram que o estado de espírito dos participantes teve um efeito significativo na avaliação do suporte social percebido, com os sujeitos na condição experimental «deprimidos» apresentando os resultados mais baixos. Segundo estes autores, o efeito de protecção atribuído ao suporte social poderia assim resultar em parte de um enviesamento emocional:

«Most studies reporting the stress-buffering effects of social support have found those effects for perceived, but not received, support (Cohen & Wills, 1985), a pattern of findings that might be partially attributable to perceived support's vulnerability to concurrent mood» (p. 673).

No entanto, tais resultados apontariam para um efeito generalizado do estado de espírito na percepção de suporte social, ou, na linguagem das teorias de relação entre afectos e cognição, para um efeito de congruência resultante de uma influência directa do estado de espírito. Contudo, e de acordo com a teoria da infusão de afecto, não podemos esperar um efeito de congruência generalizado, mas sim que se modifique em função de variáveis moderadoras como a complexidade da avaliação, a familiaridade do alvo, ou a relevância pessoal da situação.

Deste modo, neste estudo pretendemos testar estes pressupostos da teoria da infusão de afecto (Forgas, 1995), em medidas do suporte social. Com o objectivo de testar a vulnerabilidade do suporte social percebido a diferentes estados afectivos, e o papel moderador de diferentes estratégias de processamento – graus constructivos de processamento, *versus* graus menos constructivos de processamento, elaborámos as seguintes hipóteses:

Hipótese 1 – Sujeitos em diferentes estados de espírito, perante formas de suporte social percebido pouco familiares, farão avaliações congruentes com o seu estado de espírito. Isto é, espera-se que, no caso de situações pouco comuns, num estado de espírito negativo os sujeitos percebam um menor suporte social e num estado de espírito positivo um maior suporte social.

Hipótese 2 – Este efeito de congruência não se verificará perante situações mais familiares e em particular se estas situações forem também pessoalmente menos relevantes; neste caso, quer num estado de espírito positivo quer num estado de espírito negativo, não se verificarão diferenças na percepção de suporte social.

## 1.1. Método

### 1.1.1. Participantes e Procedimento

Participaram no estudo 40 estudantes, 28 do sexo feminino e 12 do sexo masculino, em grupos de quatro a seis elementos. A cada grupo era atribuída de forma aleatória uma de quatro condições: estado de espírito positivo (11 sujeitos),

estado de espírito negativo (10 sujeitos), medo (10 sujeitos) e controlo (9 sujeitos).

Após uma manipulação do estado de espírito através do visionamento de excertos vídeo e trechos musicais, os participantes nos quatro grupos respondiam a um questionário de apoio social percebido, em que eram confrontados com situações de suporte social de diferentes graus de familiaridade e de relevância pessoal. De forma a não facilitar qualquer «efeito e descontro» (Schwarz & Clore, 1983, 1988) resultante da consciência do seu estado afectivo, apresentámos aos participantes a indução do estado afectivo (visionamento do vídeo) e a medida de percepção do risco (variável dependente) como dois estudos separados e independentes.

Deste modo, o plano de estudo foi 4 (estado emocional: positivo, negativo, medo e controlo) x 2 (relevância pessoal da situação: alta ou baixa) x 2 (familiaridade com a situação: alta ou baixa), sendo os dois últimos factores intra-sujeitos e o primeiro inter-sujeitos. A percepção do suporte social a nossa variável dependente. A situação experimental durava cerca de 15 a 20 minutos – cinco a 10 minutos para a indução, mais cinco a 10 minutos para as respostas.

### 1.1.2. Materiais e Medidas

#### *Manipulação do Estado de espírito*

Foram induzidos estados de espírito positivo, negativo, e de medo, pedindo aos sujeitos para visionarem um conjunto de dois clips vídeo. Os participantes na condição estado de espírito positivo visionaram um excerto de «Benny and Joon» (1993) e um excerto de «When Harry met Sally»/ «Um amor inevitável» (1989), num total de seis minutos. Os participantes na condição estado de espírito negativo visionaram um excerto de «The Champ»/ «O Campeão» (1979) e um excerto de «Terms of Endearment»/ «Laços de Ternura» (1983), num total de nove minutos. Os Participantes na condição «medo», visionaram um excerto de «Cape Fear»/ «Cabo do Medo» (1991) e um excerto de «Fatal Attraction»/ «Atracção Fatal» (1987), num total de cinco minutos. Finalmente, os participantes na condição controlo visionaram um documentário sobre

diferentes espécies de árvores e uma perseguição automóvel de «Bullit» (1968), num total de sete minutos e trinta segundos.

Estes excertos foram devidamente testados em investigações prévias – Gross e Levenson (1995), no caso de «The Champ» e de «When Harry met Sally»; Halberstadt e Niedenthal (1997), Niedenthal, Innes-Ker e Halberstadt (1999), para os restantes excertos. Nós próprios testámos com uma amostra de estudantes equivalente à destas investigações estes blocos vídeo e audio, com excepção do bloco para o medo, e confirmámos a suas características como instrumentos de indução dos respectivos estados afectivos.

Estes estados de espírito foram mantidos durante a tarefa experimental principal através de trechos de música clássica, reproduzidos pelo monitor de TV através da mesma cassette vídeo, mas sem imagem. Os participantes na condição estado de espírito positivo ouviram Allegros de Mozart, de «Eine Kleine Nacht Musik, K525». Os participantes na condição estado de espírito negativo ouviram «Adagio for strings» de Samuel Barber. Os participantes na condição «medo» ouviram de Penderecki «Threnody to the victims of Hiroshima». Os participantes na condição controlo não ouviram nenhum trecho musical. Estudos prévios (Niedenthal et al., 1999) documentam a eficácia destas selecções musicais na indução do estado de espírito.

#### *Medidas de verificação da manipulação do estado de espírito*

Tendo em vista a validação da manipulação do estado de espírito, os sujeitos, logo após o visionamento dos excertos vídeo, responderam a um questionário contendo cinco escalas bipolares de sete pontos («negativo-positivo», «mau-bom», «triste-alegre», «nervoso-calmo» e «receoso-seguro»), e após responderem ao questionário de suporte social, receberam uma última folha com as mesmas cinco escalas bipolares mas para avaliação do estado de espírito no final do estudo.

Em face de resultados que apresentavam elevados níveis de consistência interna, foram calculados dois indicadores do estado de espírito. O primeiro inclui as escalas «mau-bom», «nega-



tivo-positivo», «triste-alegre» e refere-se ao grau de positividade do estado de espírito: logo após o vídeo (Alpha de Cronbach) ( $\alpha=.92$ ) e no final do estudo ( $\alpha=.89$ ). O segundo inclui as escalas «receoso-seguro» e «nervoso-calmo» e refere-se ao grau de tensão ou receio logo após o vídeo ( $\alpha=.74$ ) e no final do estudo ( $\alpha=.75$ ).

### ***Medidas de avaliação do suporte social***

A variável «suporte social percebido» foi medida recorrendo a uma adaptação do Questionário de Suporte Social – forma Reduzida (SSQ-R; Sarason, Sarason, Shearing & Pierce, 1987). Este instrumento oferece um índice de suporte percebido na dimensão emocional-relacional, através da média do número de pessoas disponíveis para o suporte nas 6 questões que o questionário menciona, e um índice de satisfação com o suporte, também através da média nos 6 itens. A sua validade e fiabilidade já foram objecto de um estudo para a população portuguesa (Moreira, Andrez, Moleiro, Silva, Aguiar & Bernardes, 1996).

Neste estudo, para além das seis situações de suporte social do SSQ-R foram introduzidas outras seis por nós criadas, de modo a manipular a familiaridade e a relevância pessoal das diferentes situações. As 12 situações utilizadas foram alvo de um estudo prévio da familiaridade e da relevância pessoal. Setenta e sete juízes, alunos do ensino superior, classificaram a familiaridade das 12 situações numa escala de sete pontos variando de (0) «nunca estive nessa situação» a (6) «estive muitas vezes nessa situação». Os mesmos setenta e sete juízes classificaram as mesmas 12 situações no que refere à relevância pessoal, numa escala de sete pontos variando de (0) «nada relevante pessoalmente» a (6) «totalmente relevante pessoalmente». De acordo com as médias das respostas, as situações foram agrupadas em dois grupos significativamente diferentes em termos de familiaridade (situações de familiaridade baixa  $M=0,73$ ; situações de familiaridade elevada  $M=3,8$ ) e em dois grupos significativamente diferentes em termos de relevância pessoal (situações de relevância pessoal baixa  $M=4,1$ ; situações de relevância pessoal elevada  $M=5,0$ ).

Deste estudo resultou a possibilidade de agruparmos as 12 situações em quatro grupos de três situações cada: situações de familiaridade baixa

e relevância alta (por exemplo: «Apoio no caso de uma intervenção cirúrgica com risco de vida»;  $\alpha=.67$ ) (Alpha de Cronbach); situações de familiaridade alta e relevância baixa (por exemplo: «Distrair das suas preocupações quando está sob stress»;  $\alpha=.79$ ); situações de familiaridade baixa e relevância baixa (por exemplo: «Confiar informações potencialmente perigosas para si»;  $\alpha=.60$ ); e situações de familiaridade alta e relevância alta (por exemplo: «Ajuda a sentir-se melhor quando se sente mesmo em baixo»;  $\alpha=.73$ ).

## ***1.2. Resultados***

### ***1.2.1. Verificação da Manipulação***

Na avaliação após o vídeo, observámos um efeito principal do estado de espírito positivo ( $F(3,39)=19.493$ ,  $p<0.0001$ ). Como esperado, os participantes na condição estado de espírito positivo relataram sentir-se, logo após o vídeo com um estado de espírito mais positivo ( $M=2.30$ ) do que os da condição medo e neutra ( $M=.50$  e  $M=.33$ , respectivamente) e estes valores são também significativamente diferentes dos da condição de estado de espírito negativo ( $M=-.90$ ) (ver Quadro 1).

Na segunda avaliação, no final do estudo, observámos igualmente um efeito geral do estado de espírito ( $F(3,39)=4.438$ ,  $p<0.009$ ); mas só os participantes na condição estado de espírito negativo ( $M=.13$ ) se continuaram a sentir significativamente menos positivos do que os participantes em qualquer das outras condições experimentais.

Ou seja, no início do estudo (após o visionamento) o grupo de estado de espírito positivo estava claramente positivo, o de estado de espírito negativo estava triste e o de estado de controlo num ponto intermédio. Observámos uma melhoria do estado de estado de espírito da primeira medição para a segunda em todos os casos excepto no estado de espírito positivo onde houve uma diminuição. No final, os grupos estado de espírito positivo, medo e controlo estavam ainda significativamente mais positivos do que o de estado de espírito negativo.

QUADRO 1

*Verificação da manipulação do estado de espírito: médias da positividade do estado de espírito*

		Positivo (N=11)	Negativo (N=10)	Medo (N=10)	Controlo (N=9)	F
Estado de espírito positivo após o vídeo	<i>M</i>	2.30a	-.90b	.50c	.33c	19.493**
	<i>DP</i>	(0.62)	(1.12)	(1.33)	(.60)	
Estado de espírito no final	<i>M</i>	1.27a	-.13b	1.17a	1.41a	4.438*
	<i>DP</i>	(1.05)	(1.36)	(1.11)	(.52)	

Médias com subscritos diferentes são significativamente diferentes de acordo com o teste post-hoc de tukey para  $p < 0.05$ .\* $p < 0.009$ ; \*\* $p < 0.0001$ 

QUADRO 2

*Médias do índice de tensão nas quatro condições*

		Positivo (N=11)	Negativo (N=10)	Medo (N=10)	Controlo (N=9)	F
Índice de Tensão após o vídeo	<i>M</i>	1.81b	-.35a	.65ab	.27a	5.808**
	<i>DP</i>	(1.0)	(1.05)	(1.6)	(1.17)	
Índice de Tensão no final	<i>M</i>	1.45	.30	1.0	.83	1.680*
	<i>DP</i>	(.93)	(1.37)	(1.52)	(.70)	

Médias com subscritos diferentes são significativamente diferentes de acordo com o teste post-hoc de tukey para  $p < 0.05$ .\* $p < 0.189$ ; \*\* $p < 0.002$ 

No que refere ao índice de tensão, no início do estudo o grupo de estado de espírito positivo estava significativamente menos tenso do que o grupo de estado de espírito negativo ou do que o grupo de controlo (respectivamente  $M=1.81$ ;  $M=-.35$ ;  $M=.27$ ), mas o grupo experimental «medo» não se distinguia dos outros. No final, não observámos diferenças entre os grupos, verificando-se um melhoria do estado de tensão em todos os grupos excepto no de estado de espírito positivo (ver Quadro 2).

Ou seja, neste estudo não obtivemos resultados ao nível do grupo experimental «medo» que nos permitam afirmar ter manipulado a tensão.

Assim, de forma a tornar mais simples e clara a leitura dos resultados, juntámos os grupos medo e controlo, uma vez que não conseguimos a indução do medo, e os resultados do estado de espírito não divergiam muito.

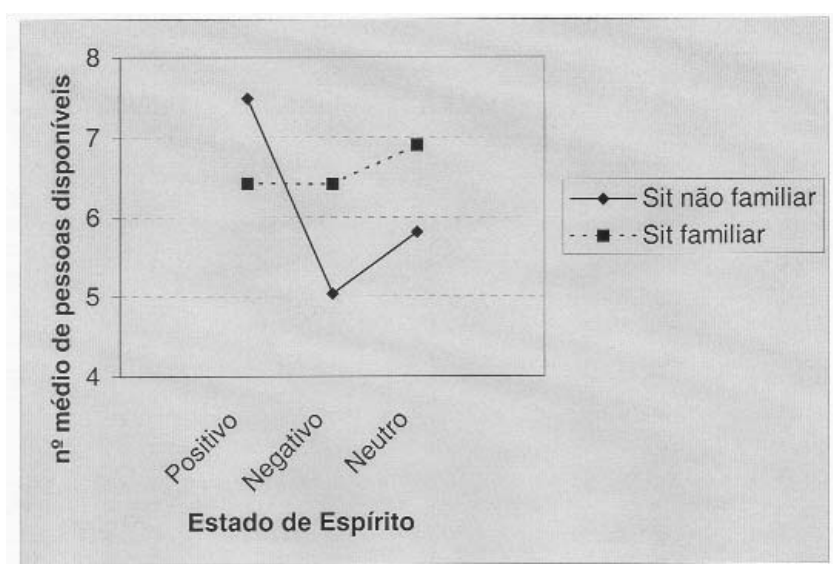
#### 1.2.2. Efeitos do estado afectivo sobre o suporte social percebido

Na análise dos dados procedeu-se a uma ANOVA, com um factor inter-sujeitos (3 estados emocionais) e dois factores intra-sujeitos: relevância pessoal (alta ou baixa) e, familiaridade com a situação (alta ou baixa).

QUADRO 3  
Médias e desvios padrão do apoio social em função das condições experimentais

		Positivo (N=11)	Negativo (N=10)	Medo + Controlo (N=19)
Apoio em relevância baixa e familiaridade baixa	<i>M</i>	6.45	4.76	5.15
	<i>DP</i>	(2.93)	(2.13)	(2.02)
Apoio em relevância alta e familiaridade baixa	<i>M</i>	8.51	5.30	6.46
	<i>DP</i>	(3.77)	(2.77)	(3.46)
Apoio em relevância baixa e familiaridade alta	<i>M</i>	6.05	6.05	7.03
	<i>DP</i>	(3.12)	(2.31)	(3.65)
Apoio em relevância alta e familiaridade alta	<i>M</i>	6.78	6.76	6.77
	<i>DP</i>	(4.07)	(6.83)	(3.03)

FIGURA 1  
Efeito do estado de espírito no suporte social percebido em função da familiaridade



Tal como esperávamos, não observámos um efeito simples do estado de espírito ( $F(2,37)=0.564$ ;  $p=0.573$ ), nem da familiaridade ( $F(1,37)=2.857$ ;  $p=0.099$ ). Encontrámos um efeito de relevância da situação que não tínhamos considerado ( $F(1,37)=7.515$ ;  $p=0.009$ ): em situações mais relevantes há mais apoio social percebido.

Pudemos observar, em acordo com as hipóteses, um efeito de interacção familiaridade da situação x estados de espírito ( $F(1,37)=7.105$ ;  $p=0.002$ ): a congruência com o estado emocional só se verifica em situações de familiaridade baixa. Nas situações de familiaridade elevada não há infusão do afecto (ver Quadro 3 e Figura 1).



Ao contrário do esperado na hipótese 2, a relevância não influenciou as avaliações. De facto, não encontramos resultados significativos de interacção da relevância com o estado afectivo ( $F(2,37)=0.819$ ;  $p=0.449$ ), com a familiaridade ( $F(1,37)=1.321$ ;  $p=0.258$ ) ou com ambas ( $F(2,37)=0.446$ ;  $p=0.644$ ).

### 1.2.3. Conclusões do Estudo 1

Neste estudo pudemos observar um efeito de infusão de afecto na percepção de suporte social e que resultou em respostas congruentes com o afecto mas apenas nas situações menos familiares, tal como prevíamos. Ou seja, as situações de menor familiaridade facilitaram a infusão de afecto, de que resultaram respostas congruentes com o estado de espírito: sujeitos num estado de espírito positivo, percebem significativamente mais suporte para as situações menos familiares do que sujeitos na condição estado de espírito negativo ou estado de espírito neutro. Estes resultados são congruentes com a teoria proposta por Forgas, na medida em que as situações menos familiares exigem um processamento mais complexo da informação e uma busca mais atenta ao leque das pessoas disponíveis do que as situações mais familiares, que já experienciamos várias vezes e que por isso exigem um menor esforço cognitivo para a resposta.

Contudo, ao contrário do esperado na hipótese 2, não pudemos observar qualquer interacção da variável «relevância pessoal» com as variáveis «familiaridade» e «estado de espírito».

Finalmente, e no que refere à eficácia da manipulação do estado de espírito, os instrumentos de indução de estados de espírito mostraram-se eficazes, com excepção para o do medo, uma dificuldade de resto presente noutros estudos (Niedenthal et al., 1999; Westermann et al., 1996).

## 2. ESTUDO 2

### PERCEÇÃO DO RISCO, INVULNERABILIDADE ÚNICA E ESTADOS AFECTIVOS

Nos anos oitenta vários teóricos demonstraram que a maioria das pessoas consideram as suas hipóteses de vitimização menores que as dos seus pares (Weinstein, 1981; Taylor, 1983,

1989; Perloff & Fetzner, 1986). Esta crença na invulnerabilidade pessoal face a acontecimentos negativos futuros tem sido referida como «optimismo irrealista» (Weinstein, 1981), «ilusões positivas» (Taylor, 1983) ou «percepção de invulnerabilidade única»: pessoas que não foram vitimadas por acontecimentos negativos tendem a perceber-se como menos vulneráveis do que os outros (Perloff & Fetzner, 1986). A explicação mais comum para este enviesamento optimista tem surgido de uma perspectiva motivacional, segundo a qual a maioria das pessoas tende para a confortável e defensiva ideia de que «isso não me acontecerá a mim». As comparações com outras vítimas e as «comparações para baixo» – *downward comparisons* – que Perloff e Fetzner (1986) nos descreveram nos seus estudos, enquadrar-se-iam nesta perspectiva. Estes autores, ao examinarem as circunstâncias em que as pessoas julgam a sua vulnerabilidade ao risco diferente da dos outros, concluíram que alvos vagos e abstractos, como «um dos seus amigos» ou «o estudante médio», facilitam as «comparações para baixo» e a consequente diminuição da sua própria vulnerabilidade, enquanto que alvos específicos e concretos, como «o seu melhor amigo», dificultam este tipo de comparações. Estudos posteriores de Klar, Meding e Sarel (1996), vieram mostrar que este efeito de «invulnerabilidade única» é moderado pelo grau de controlo percebido sobre o comportamento e pelo tipo de riscos: ele ocorre predominantemente em riscos futuros (e não quotidianos) percebidos como controláveis. No entanto, nenhum destes trabalhos acerca da percepção de invulnerabilidade analisou os efeitos dos estados de espírito nesta variável.

Uma das características que distingue a avaliação do risco de qualquer outra estimativa é que raramente ocorre num contexto emocionalmente neutro:

«When we witness an accident or read a newspaper report about a natural disaster, we do not merely revise our subjective probabilities; we are also shaken and disturbed. Our encounters with news about risk and death commonly generate fear, anxiety and worry.» (Johnson & Tversky, 1983, p. 21).

Alguns estudos desenvolvidos ao longo das duas últimas décadas procuraram mostrar que as avaliações de risco são cognições susceptíveis de serem influenciadas, talvez de forma directa (processamento heurístico, Forgas, 1995), pelos estados de espírito. Nos anos oitenta, Johnson e Tversky (1983) realizaram um conjunto de estudos que demonstrou que o estado afectivo induzido tem um impacto alargado nas estimativas da probabilidade e frequência de diversos riscos e acontecimentos futuros indesejáveis. De acordo com os autores, o estado de espírito negativo aumenta de uma forma global a preocupação com e a estimativa do risco, e pelo contrário, o estado de espírito positivo diminui a mesma preocupação e estimativa. Este efeito de congruência com o estado de espírito parecia independente da semelhança entre a história que induz o estado afectivo e o tipo de risco avaliado, e maior para acontecimentos de vida problemáticos (divórcio, alcoolismo, depressão) e doenças que com maior frequência provocam morte (como cancro) do que para riscos menos frequentes (terrorismo, guerra). Tais resultados, pouco consistentes com a teoria do «affect-priming» (Bower, 1981), cuja predição iria no sentido de um efeito específico e não global, aproximaram Johnson e Tversky da perspectiva de Zajonc (1980), isto é, de uma influência directa, sem mediação cognitiva: «the influence of affect is at least partially independent of semantic association» (p. 30). Também Constants e Mathews (1993), ao estudarem a influência do estado de espírito no risco subjectivo de acontecimentos futuros, encontraram esta ausência de efeitos específicos, pouco consistentes com a teoria do «affect-priming» (Bower, 1981), observada em acontecimentos emocionais pessoalmente relevantes avaliados imediatamente após a exposição aos acontecimentos («priming events»). Uma das explicações para os resultados destes estudos, e para esta «activação que se dispersa», surgiu da teoria do «afecto-como-fonte-de-informação», sugerindo que os sujeitos utilizam o seu próprio estado de espírito como fonte de informação para fazer juízos de risco (Schwarz & Clore, 1983, 1988).

Mais recentemente outros autores (Loewenstein, Hsee, Weber, & Welch, 2001), (Slovic, Finucane, Peters, & MacGregor, 2002) têm defendido, também na linha do primado das emoções sobre as cognições (Zajonc, 1984) ou do «afecto-

-como-fonte-de-informação» (Schwarz & Clore, 1983; Clore, Schwarz, & Conway, 1994), um efeito directo (e não mediado por memórias ou conceitos congruentes com o afecto) do estado afectivo no raciocínio e na tomada de decisão acerca do risco. É o caso da heurística do afecto (Slovic, Finucane, Peters, & MacGregor, 2002) ou da conceptualização do risco como um sentimento (Loewenstein, Hsee, Weber, & Welch, 2001), este último sublinhando a possibilidade de uma clara conflitualidade (e não complementaridade) entre o sistema emocional e o sistema cognitivo.

Seja qual for esta influência dos afectos sobre as cognições, ela parece adquirir uma relevância particular na percepção do risco, dado que, e como vimos anteriormente, a maioria das pessoas parece motivada para um enviesamento optimista (Weinstein, 1980; Taylor, 1983, 1989; Perloff & Fetzer, 1986; Klar, Meding & Sarel, 1996).

Deste modo, o objectivo do nosso estudo foi o de analisar os efeitos dos estados de espírito sobre a percepção de invulnerabilidade única, tendo como enquadramento teórico a Teoria da Infusão de Afecto (Forgas, 1995). Procurámos criar condições para a observação de respostas congruentes com o afecto via influência indirecta (processamento substantivo/ graus constructivos de processamento) ou influência directa (processamento heurístico), através de riscos menos familiares (futuros), cuja estimativa é mais difícil ou complexa e de maior ou menor relevância pessoal – bem como de respostas incongruentes com o afecto via processamento directo e motivado, através de riscos mais familiares (quotidianos) e menos relevantes, permitindo graus menos constructivos de processamento ou o acesso directo à informação.

Com o objectivo de testar a vulnerabilidade do risco percebido a diferentes estados afectivos, e o papel moderador de diferentes estratégias de processamento, elaborámos as seguintes hipóteses:

Hipótese 1 – Sujeitos em diferentes estados de espírito, perante riscos menos familiares (cuja estimativa é mais difícil e complexa), farão avaliações congruentes com o seu estado de espírito. Isto é, perante riscos menos comuns, num estado de espírito positivo os sujeitos darão respostas de diminuição do risco percebido; num esta-

do de espírito negativo, os sujeitos darão respostas de aumento do risco percebido.

Hipótese 2 – Este efeito de congruência não se verificará perante riscos de maior familiaridade, particularmente os pessoalmente menos relevantes, e a que o sujeito atribui mais facilmente uma probabilidade; neste caso, quer com estado de espírito positivo quer com estado de espírito negativo, não se verificarão diferenças relativas ao estado emocional.

Hipótese 3 (invulnerabilidade pessoal) – esperamos ainda que as avaliações de risco de acontecimentos negativos sejam maiores para alvos menos relevantes («ao estudante») do que para o alvo mais relevante («a si mesmo»), especialmente para acontecimentos negativos futuros, menos familiares.

## 2.1. Método

### 2.1.1. Participantes e procedimento

Participaram no estudo 86 estudantes do ensino superior, em grupos de quatro a seis elementos. A cada grupo era atribuída de forma aleatória uma de três condições: estado de espírito positivo, negativo e neutro. Após uma manipulação do estado de espírito através do visionamento de excertos vídeo e trechos musicais, 34 destes sujeitos responderam a um questionário contendo acontecimentos negativos quotidianos, mais familiares, e 47 responderam a um questionário de acontecimentos negativos futuros, menos familiares, dirigidos a dois alvos diferentes através dos quais manipulámos a relevância. De forma a não facilitar qualquer «efeito de desconto» resultante da consciência do seu estado afectivo, apresentámos a indução do estado afectivo (visionamento do vídeo) e a medidas de percepção do risco (VD) como dois estudos separados e independentes.

O plano de estudos era assim 3 (estado de espírito positivo, negativo e controlo) x 2 (familiaridade alta *versus* baixa) x 2 (relevância alta *versus* baixa) sendo os dois primeiros factores inter-sujeitos o último intra-sujeitos. As nossas

variáveis independentes são o estado de espírito, a familiaridade e a relevância, e a variável dependente a percepção do risco. A situação experimental durava cerca de 15 a 20 minutos – cinco a 10 minutos para a indução, mais cinco a 10 minutos para as respostas.

### 2.1.2. Materiais e Medidas

#### *Manipulação do estado de espírito*

Foram induzidos estados de espírito positivo, negativo, e neutro (controlo), pedindo aos sujeitos para visionarem os mesmos excertos de filmes e os mesmos trechos de música clássica que utilizámos no estudo do suporte social.

#### *Medidas de verificação da manipulação do estado de espírito*

Tendo em vista a verificação da manipulação do estado de espírito, os sujeitos avaliaram o seu estado afectivo – logo após o visionamento dos excertos vídeo, e no final – através de um questionário contendo três escalas bipolares de sete pontos (negativo-positivo, mau-bom, triste-alegre). Após responderem ao questionário de risco percebido, receberam uma última folha com as mesmas três escalas bipolares mas para avaliação do estado de espírito no final do estudo.

Tal como no estudo do suporte social, em face de resultados que apresentavam elevados níveis de consistência interna, foi calculado um indicador de positividade do estado de espírito, que incluiu as escalas «mau-bom», «negativo-positivo», «triste-alegre»: logo após o visionamento vídeo ( $\alpha=.92$ ), e no final do estudo ( $\alpha=.94$ ) (Alfa de Cronbach).

#### *Medidas de avaliação do risco*

Como medidas de avaliação de riscos com características mais familiares, optámos pelos riscos quotidianos que Klar, Medding e Sarel (1996) sugerem nos seus estudos como menos vulneráveis ao viés de invulnerabilidade única: «Ser mal atendido/a num restaurante»; «Avaria no automóvel quando mais necessita dele»; «Apanhar uma gripe durante umas férias»; «O seu dentista de férias quando mais necessita»; «Comprar um produto fora do prazo de validade»; «Chegar ao cinema em cima da hora e já não haver bilhetes»; «Manchar uma camisa/

QUADRO 4

*Verificação da manipulação do estado de espírito: médias da positividade do estado de espírito*

		Positivo (N=32)	Negativo (N=28)	Controlo (N=26)	F
Estado de espírito positivo após o vídeo	<i>M</i>	2.48a	-.58b	1.00c	68.676**
	<i>DP</i>	(.48)	(1.34)	(1.07)	
Estado de espírito positivo no final	<i>M</i>	1.84a	.02b	1.47	12.339*
	<i>DP</i>	(.81)	(1.59)	(1.09)	

Médias com subscritos diferentes são significativamente diferentes de acordo com o teste post-hoc de tukey para  $p < 0.05$ .\* $p < 0.000$ ; \*\* $p < 0.0001$ 

vestuário antes de encontro importante»; «Perder o autocarro quando já estava atrasadíssimo/a». Construímos um questionário com oito itens, para o qual calculámos a consistência interna (Alpha de Cronbach) de  $\alpha = .81$  para o alvo mais relevante e de  $\alpha = .87$  para o alvo menos relevante.

Como medida de avaliação de riscos com características menos familiares, apresentámos um questionário contendo seis acontecimentos negativos futuros, (já anteriormente estudados por nós): «Tornar-se alcoólico»; «Ser assaltado/a»; «Tornar-se toxicodependente»; «Sofrer um acidente de automóvel»; «Contrair cancro»; «Contrair Sida». Este questionário de seis itens apresentou uma consistência interna (Alpha de Cronbach)  $\alpha = .70$  para o alvo mais relevante, e de  $\alpha = .78$  para o alvo menos relevante. Em ambos os questionários utilizámos uma escala de sete pontos, variando de (1) «nada provável» a (7) «extremamente provável».

Como forma de manipular a relevância, pedimos aos sujeitos para classificarem a possibilidade destes acontecimentos sucederem a dois alvos diferentes: «Ihe sucederem a si», «ao estudante médio do seu sexo e idade» (Perloff & Fetzer, 1986; Klar, Meding & Sarel, 1996). Neste mesmo questionário procurámos certificar-nos de que os participantes não tivessem experimentado algum destes acontecimentos negativos.

## 2.2. Resultados

### 2.2.1. Verificação da Manipulação do Estado de espírito

Na avaliação após o vídeo, observamos um efeito principal do estado de espírito ( $F(2,85) = 68.676$ ,  $p < 0.0001$ ). Como esperado, os participantes na condição estado de espírito positivo relataram sentir-se, logo após o vídeo com um estado de espírito mais positivo ( $M = 2.48$ ) do que os da condição neutra ( $M = 1.00$ ), e estes valores são também significativamente diferentes dos da condição de estado de espírito negativo ( $M = -.58$ ) (Quadro 4).

Na segunda avaliação, no final do estudo, continuamos a observar um efeito geral do estado de espírito ( $F(2,85) = 18.721$ ,  $p < .0001$ ). Observamos diferenças significativas nesta variável entre as condições experimentais estado de espírito positivo ( $M = 1.84$ ) e estado de espírito negativo ( $M = 0.023$ ). Contudo o estado de espírito dos participantes na condição controlo ( $M = 1.47$ ) já não se diferencia dos participantes na condição estado de espírito positivo ( $M = 1.84$ ) (Quadro 1).

Ou seja, na avaliação após o visionamento, os grupos estado de espírito positivo, estado de espírito negativo, e controlo, apresentavam índices de positividade do estado de espírito significati-

QUADRO 5  
Médias da avaliação de risco por estado emocional

		Positivo	Negativo	Neutro/Controlo
Riscos quotidianos do próprio	<i>M</i>	4.18	4.01	3.74
	<i>DP</i>	(.96)	(1.37)	(.92)
Riscos quotidianos do estudante	<i>M</i>	4.06	4.86	4.09
	<i>DP</i>	(.79)	(1.27)	(.95)
Riscos futuros do próprio	<i>M</i>	3.15	3.33	3.15
	<i>DP</i>	(.75)	(.91)	(.76)
Riscos futuros do estudante	<i>M</i>	4.28	4.44	3.93
	<i>DP</i>	(.80)	(.80)	(.97)

vamente diferentes. No final do estudo, apesar do grupo estado de espírito positivo continuar mais positivo que o grupo estado de espírito negativo, não observámos nenhuma diferença significativa entre estado de espírito positivo e controlo.

#### 2.2.2. Efeitos do estado afectivo sobre a percepção de riscos familiares e não familiares

Na análise dos dados procedeu-se a uma ANOVA com dois factores inter-sujeitos: 3 estados emocionais (positivo, negativo, e neutro) x 2 familiaridade (alta *versus* baixa) e um factor intra-sujeitos Relevância do alvo (alvo relevante «a si mesmo», *versus* alvo irrelevante «ao estudante médio»).

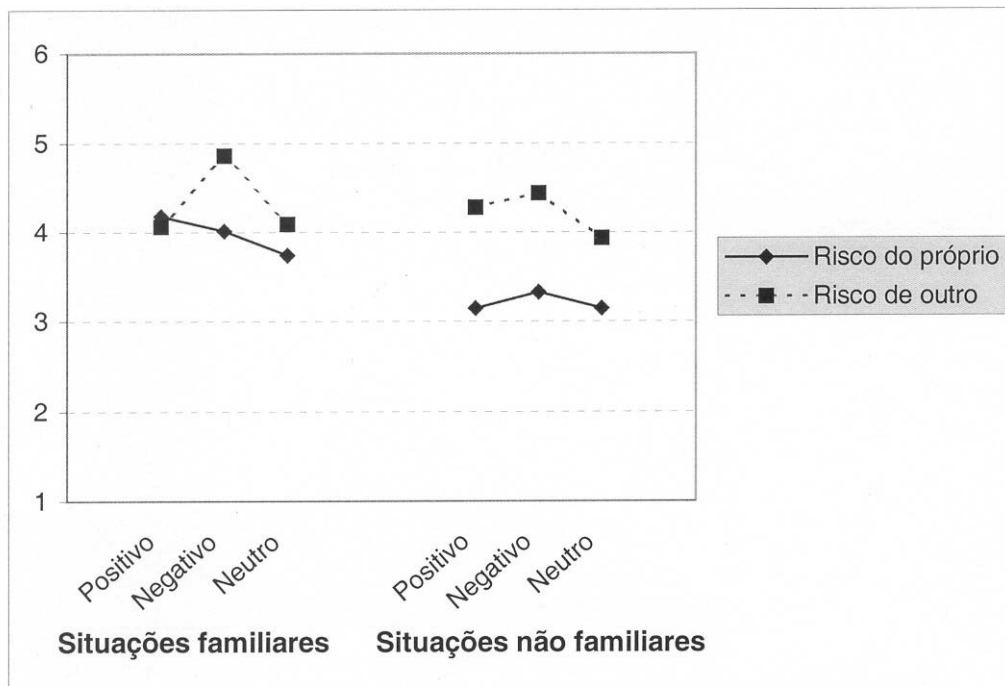
Tal como esperávamos, não obtivemos um efeito simples de estado de espírito ( $F(2,80)=1.665$ ;  $p=.196$ ), e obtivemos um efeito principal da relevância do alvo ( $F(1,80)=59.344$ ;  $p=0.0001$ ), que corresponde à nossa hipótese 3 de percepção de invulnerabilidade única: a avaliação de risco para o estudante médio é superior à avaliação de

risco para o próprio. Este efeito é qualificado por um efeito de interacção alvo x familiaridade ( $F(1,80)=13.008$ ;  $p<.001$ ), correspondente a maior percepção de invulnerabilidade única em riscos não familiares comparativamente com os riscos familiares.

O estado de espírito aparece com efeitos assinaláveis em duas interacções. Há um efeito tendencial de interacção relevância do alvo x estado de espírito ( $F(2,80)=2.825$ ;  $p=0.065$ ), correspondente a uma acentuação do risco do alvo não relevante na condição de estado de espírito negativo, enquanto que os riscos para o próprio se mantêm estáveis nas 3 condições. Obtivemos também um efeito de interacção triplo ( $F(2,80)=3.177$ ;  $p=.047$ ), mas diferente daquele que esperávamos. De facto o efeito obtido refere-se à não existência de percepção de invulnerabilidade única (avaliações de risco muito semelhantes para o próprio e para o outro) na condição estado de espírito positivo e riscos familiares (ver Quadro 5 e Figura 2). Pelo contrário, esperávamos um agravamento da percepção de riscos na condição de estado de espírito negativo, mas nas situações menos familiares.



FIGURA 2  
Efeito do estudo de espírito na avaliação de riscos



### 2.3. Conclusões do Estudo 2

Neste estudo pudemos observar um efeito de invulnerabilidade única, isto é, os sujeitos, independentemente do seu estado de espírito e da familiaridade do risco, percebiam os outros como mais vulneráveis a acontecimentos negativos do que o próprio. Este efeito, na linha do que alguns autores sugerem (Klar, Meding & Sarel, 1996), surge de forma mais clara (ver Figura 2) quando se trata de pensar riscos menos familiares: «We suggest that when judging the vulnerability of a familiar target to encounter a negative everyday event which people have actual experience with, they can effectively use this experience and make relatively unbiased vulnerability assessments» (p. 231).

No entanto, nos riscos quotidianos, que de acordo com estes autores permitiriam avaliações menos enviesadas por um efeito de invulnerabilidade, pudemos observar uma activação deste efeito entre os sujeitos da condição estado de es-

pírito negativo, que perceberam um risco significativamente maior de acontecimentos negativos quotidianos para o alvo menos relevante, do que os sujeitos num estado de espírito positivo e neutro. O que equivale a dizer que riscos familiares (quotidianos) só originaram invulnerabilidade única quando o estado de espírito era negativo, efeito este provavelmente resultante de um processamento motivado (Forgas, 1995), e que não prevíamos nas nossas hipóteses iniciais. Curiosamente, outros autores (Garcia-Marques & Mackie, 2000) sugerem que a familiaridade, tal como o estado de espírito, tem impacto no modo de processamento, verificando-se efeitos de congruência: em condições de processamento não-analítico (motivação e capacidades baixas) a familiaridade pode servir de heurística e anular o impacto do estado de espírito.

Talvez em face do domínio dos efeitos de invulnerabilidade única, não observámos efeitos do estado de espírito no sentido da infusão do



afecto (nossas hipóteses 1 e 2, isto é, estratégias de processamento do tipo substantivo, heurístico e acesso directo). Pudemos observar, em desacordo com pressupostos de modelo da infusão de afecto, que riscos mais familiares (quotidianos) parecem menos resistentes a efeitos do estado de espírito, uma vez que verificámos, neste tipo de situações, um efeito de infusão do afecto quando o alvo é o outro. De facto, pensaríamos que situações menos familiares, por implicarem um tipo de raciocínio mais elaborado, seriam mais facilmente alteradas pelo estado de espírito, o que não se verificou. Finalmente, devemos ainda salientar o facto de as alterações congruentes com o estado de espírito terem ocorrido nas avaliações do alvo menos relevante (o estudante médio), também contrariamente ao que a teoria de base propunha.

### 3. DISCUSSÃO

Ao longo destes estudos procurámos compreender em que circunstâncias a percepção do risco e do suporte social são mais vulneráveis a estados de espírito, bem como, para os estudos do risco, como é que estes mecanismos interagem com os efeitos de invulnerabilidade pessoal.

As primeiras considerações vão para aspectos relacionados com a manipulação do estado de espírito e a eficácia procedimental, e que, dada a natureza destes estudos, nos parecem determinantes. As verificações da manipulação do estado de espírito que efectuámos ao longo dos estudos permitem-nos concluir que, com excepção para o bloco «medo», os instrumentos de indução funcionaram com razoável eficácia. Os resultados dos blocos de estado de espírito positivo e estado de espírito negativo foram mais convincentes do que os do bloco estado de espírito neutro, o que é consistente com os resultados da literatura nesta área, que relatam alguma dificuldade na indução deste estado de espírito. A observação, em ambos os estudos, de efeitos do estado de espírito e de invulnerabilidade pessoal, levam-nos a admitir alguma eficácia procedimental, embora com as reservas resultantes da forma como operacionalizámos e manipulámos a variável relevância pessoal no estudo do suporte. Esta variável manifestou-se num aumento da

percepção de suporte nas situações de maior relevância, mas independentemente do estado de espírito, o que não nos permitiu observar qualquer resultado diferencial função da familiaridade e do estado de estado de espírito, como formulámos nas hipóteses deste estudo. Já no que refere à eficácia da manipulação da «familiaridade», os resultados encorajam-nos a pensar que fomos melhor sucedidos: pudemos observar um efeito de infusão de afecto, através da variável «formas de suporte menos familiares», e que resultou em respostas congruentes com o afecto tal como prevíamos na hipótese 1.

No estudo do risco, definimos objectivos mais ambiciosos: quisemos compreender em que circunstâncias a avaliação do risco é vulnerável a efeitos do estado de espírito mas também a efeitos de invulnerabilidade pessoal, e perceber se e como se relacionam. Ora poderemos estar na presença de mecanismos não apenas diferentes mas até antagonistas, ao supor que os efeitos de invulnerabilidade ao risco são emocionalmente mais atraentes, e que os sujeitos não só não lhes resistam como pelo contrário os procurem; enquanto que efeitos de infusão de afecto, eventualmente vulnerabilizadores ou perturbadores, suscitam resistências ou activem mecanismos de regulação de estado de espírito. No que respeita à eficácia com que manipulámos as variáveis que em hipótese facilitariam a vulnerabilidade do risco a tais efeitos, os resultados deixam-nos dúvidas: esperávamos um efeito do estado de espírito sobre os riscos menos familiares, e que os alvos mais ou menos relevantes discriminassem o tipo de infusão (substantiva ou heurística), o que não se verificou. Contudo, neste estudo observámos um efeito de invulnerabilidade pessoal a par de um efeito de infusão de afecto: pudemos ver confirmada a hipótese 3 em que prevíamos efeitos de invulnerabilidade pessoal para alvos menos relevantes em face de acontecimentos negativos futuros, e no que refere ao principal objectivo destes estudos, a influência de estados de espírito, observamos um efeito de infusão de afecto e a correspondente resposta congruente com o estado de espírito, mas em situações de risco mais familiares, e para alvos menos relevantes, em clara contradição com as hipóteses 1 e 2. Estes resultados mostram um enviesamento optimista qualificado por um efeito de inter-

acção: riscos familiares só originam invulnerabilidade única quando o estado de espírito é negativo. Ou seja, observámos uma conjugação de efeitos de invulnerabilidade única e do estado de espírito.

No plano teórico, os resultados do estudo do suporte social, em que observámos respostas congruentes com o estado de espírito resultantes da menor familiaridade das situações, parecem consistentes com a teoria da infusão de afecto (Forgas, 1995): é através de processos de raciocínio mais complexos e constructivos que a infusão pelo afecto se pode verificar – quer através da menor familiaridade ou da maior relevância das situações e riscos. Contudo, e quanto a outras predições deste modelo, expressas nas hipóteses que formulámos, os resultados não foram esclarecedores. Já no estudo do risco, os resultados são aparentemente inconsistentes com esta teoria: obtivemos respostas congruentes com o estado de espírito, mas resultantes da maior familiaridade do risco e da menor relevância do alvo. O efeito de invulnerabilidade única que observámos, mais claro quando se trata de pensar riscos menos familiares, parece-nos em acordo com estudos de outros autores (Klar, Meding & Sarel, 1996). Finalmente, estes resultados parecem-nos desfavoráveis à teoria do afecto congruente (Bower, 1981), uma vez que observámos efeitos do afecto dependentes do contexto – situações menos familiares, raciocínios mais complexos – e não generalizados.

Em próximos estudos do suporte social, e uma vez que os nossos resultados apontam para alguma eficácia na manipulação da familiaridade, é ao nível da manipulação da relevância pessoal das formas de suporte que futuros desenvolvimentos são necessários. No que refere à percepção do risco, gostaríamos de testar os resultados que obtivemos, sem precedentes na literatura actual, e que sugerem a conjugação de um efeito do estado de espírito com um efeito de invulnerabilidade pessoal; uma melhor separação dos efeitos de invulnerabilidade e do estado de espírito poderá também ajudar a esclarecer esta hipotética conjugação.

## REFERÊNCIAS

- Bower, G. H. (1981). Mood and memory. *American Psychologist*, 36, 129-148.
- Bower, G. H. (1991). Mood congruity of social judgments. In J. P. Forgas (Ed.), *Emotion and social judgments* (pp. 31-53). Oxford, England: Pergamon Press.
- Cassell, J. (1976). Social science in epidemiology: Psychosocial processes and stress theoretical formulation. In E. L. Struening, & M. Guttentag (Eds.), *Handbook of evaluation research* (Vol. 1, pp. 537-549). London: Sage Publications.
- Clore, G. L., & Parrot, W. G. (1991). Moods and their vicissitudes: Thoughts and feelings as information. In J. Forgas (Ed.), *Emotion and social judgment* (pp. 107-123). Oxford: Pergamon.
- Clore, G. L., Schwarz, N., & Conway, M. (1994). Affective causes and consequences of social information processing. In R. S. Wyer, & T. K. Srull (Eds.), *Handbook of social cognition* (Vol. 1, pp. 323-417). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Cobb, S. (1976). Social support as a moderator of life stress. *Psychosomatic Medicine*, 38, 300-314.
- Cohen, S., & Wills, T. (1985). Stress, social support, and the buffering hypothesis. *Psychological Bulletin*, 98, 310-357.
- Cohen, L. H., Towbes, L. C., & Flocco, R. (1998). Effects of induced mood on self-reported life events and perceived and received social support. *Journal of Personality and Social Psychology*, 4, 669-674.
- Constans, J. I., & Mathews, A. M. (1993). Mood and the subjective risk of future events. *Cognition & Emotion*, 7, 545-560.
- Eich, E., Kihlstrom, J., Bower, G. H., Forgas, J. P., & Niedenthal, P. (2000). *Emotion and cognition*. New York: Oxford University Press.
- Forgas, J. P. (1989). Mood effects on decision-making strategies. *Australian Journal of Psychology*, 41, 197-214.
- Forgas, J. P. (1991c). Affect and cognition in close relationships. In G. Fletcher, & F. Fincham (Eds.), *Cognition in close relationships* (pp. 151-174). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Forgas, J. P. (1992). On bad mood and peculiar people: Affect and person typicality in impression formation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62, 863-875.
- Forgas, J. P. (1995). Mood and Judgment: the affect infusion model (AIM). *Psychological Bulletin*, 117, 39-66.
- Forgas, J. P., & Bower, G. H. (1987). Mood effects on person-perception judgments. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53, 53-60.
- Forgas, J. P., & Moylan, S. J. (1991). Affective influences on stereotype judgments. *Cognition and Emotion*, 5, 379-397.

- Forgas, J. P., Bower, G. H., & Krantz, S. (1984). The influence of mood on perceptions of social interactions. *Journal of Experimental Social Psychology*, 20, 497-513.
- Forgas, J. P., Levinger, G., & Moylan, S. (1994). Feeling good and feeling close: Mood effects on the perception of intimate relationships. *Personal Relationships*, 2, 165-184.
- Garcia-Marques, T., & Mackie, D. M. (2000). The Positive Feeling of Familiarity: Mood as an Information Processing Regulation Mechanism. In H. Bless, & J. P. Forgas (Eds.), *The Message Within* (pp. 240-261). Philadelphia: Psychology Press.
- Gaspar, K., & Clore, G. L. (1998). The persistent use of negative affect by anxious individuals to estimate risk. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 1350.
- Gross, J. J., & Levenson, R. W. (1995). Emotion elicitation using films. *Cognition and Emotion*, 9, 87-108.
- Halberstadt, J. B., & Niedenthal, P. M. (1997). Emotional state and the use of stimulus dimensions in judgment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72, 1017-1033.
- Henderson, A. S. (1992). Social support and depression. In H. O. F. Veiel, & U. Baumann (Eds.), *The meaning and measurement of social support* (pp. 85-92). New York: Hemisphere Press.
- Johnson, E. J., & Tversky, A. (1983). Affect, generalization, and the perception of risk. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45, 20-31.
- Kaniasty, K., & Norris, F. (1995). Mobilization and deterioration of social support following natural disasters. *Current Directions in Psychological Science*, 4, 94-98.
- Klar, Y., Medding, A., & Sarel, D. (1996). Nonunique invulnerability: Singular versus distributional probabilities and unrealistic optimism in comparative risk judgments. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 67, 229-245.
- Loewenstein, G. F., Weber, E. U., Hsee, C. K., & Welch, N. (2001). Risk as Feelings. *Psychological Bulletin*, 127, 267-286.
- Moreira, J. M., Andrez, M., Moleiro, C., Silva, M. F., Aguiar, P., & Bernardes, S. (1996). *Versão portuguesa do Questionário de Suporte Social (QSS): Tradução e estudo piloto*. Manuscrito não publicado, Universidade de Lisboa, Portugal.
- Niedenthal, P. M., Innes-Ker, A. H., & Halberstadt, J. B. (1999). Emotional response categorization. *Psychological Review*, 106, 337-361.
- Perloff, L. S., & Fetzer, B. K. (1986). Self-other judgments and perceived vulnerability to victimization. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 502-510.
- Prociano, M. E., & Smith, W. (1997). Assessing Perceived Social Support: The Importance of context. In G. R. Pierce, B. Lakey, I. G. Sarason, & B. R. Sarason (Eds.), *Sourcebook of Social support and Personality*. New York: Plenum Press.
- Sarason, I. G., Sarason, B. R., Shearing, E. N., & Pierce, G. R. (1987). A brief measure of social support: Practical and theoretical implications. *Journal of Social and Personal Relationships*, 4, 497-510.
- Schiffenbauer, A. I. (1974). Effect of observer's emotional state on judgments of the emotional state of others. *Journal of Personality and Social Psychology*, 30 (1), 31-35.
- Schwartz, N., & Clore, G. L. (1983). Mood, misattribution, and judgments of well-being: Informative and directive functions of affective states. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45, 513-523.
- Schwartz, N., & Clore, G. L. (1988). How do I feel about it? The informative function of affective states. In F. Fiedler, & J. P. Forgas (Eds.), *Affect, Cognition & Social Behavior* (pp. 44-62). Toronto: Hogrefe.
- Sedikides, C. (1995). Central and peripheral self-conceptions are differentially influenced by mood: Tests of the differential sensitivity hypothesis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69 (4), 759-777.
- Slovic, P., Finucane, M., Peters, E., & MacGregor, D. (2002). The Affect Heuristic. In T. Gilovich, D. Griffin, & D. Kahnemann (Eds.), *Heuristics and Biases: The psychology of Intuitive Judgment* (pp. 397-420). Cambridge: Cambridge University Press.
- Srull, T. K. (1983). Affect and memory: The impact of affective reactions in advertising on the representation of product information in memory. In R. Bagozzi, & A. Tybout (Eds.), *Advances in Consumer Research* (Vol. 10, pp. 244-263). Ann Arbor, MI: Association for Consumer Research.
- Srull, T. K. (1984). The effects of subjective affective states on memory and judgment. In T. Kinnear (Ed.), *Advances in Consumer Research* (Vol. 11, pp. 530-533). Provo, UT: Association for Consumer Research.
- Taylor, S. E. (1983). Adjustment to threatening events: a theory of cognitive adaptation. *American Psychologist*, 38, 1161-1173.
- Taylor, S. E. (1989). *Positive illusions: creative self-deception and the healthy mind*. New York: Basic Books.
- Weinstein, N. D. (1981). Unrealistic optimism about future life events. *Journal of Personality and Social Psychology*, 39, 806-820.
- Westermann, R., Spies, K., Stahl, G., & Hesse, F. W. (1996). Relative effectiveness and validity of mood induction procedures: A meta-analysis. *European Journal of Social Psychology*, 26, 557-580.
- Wyer, R. S., & Srull, T. (1989). *Memory and cognition in its social context*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

- Zajonc, R. B. (1980). Feeling and thinking: preferences need no inferences. *American Psychologist*, 35, 151-171.
- Zajonc, R. B. (1984). On the primacy of affect. *American Psychologist*, 39, 117-123.

### RESUMO

Dois estudos testam os efeitos da familiaridade e da relevância na *infusão de afecto* (Forgas, 1995), em dois tipos de cognição: a percepção do risco e a percepção do suporte social. No estudo do suporte social participantes em diferentes estados de espírito avaliaram quantas pessoas consideravam disponíveis para os apoiar em situações com diferentes graus de familiaridade e relevância. Os resultados mostram um efeito de *infusão de afecto* apenas nas situações menos familiares. No estudo da percepção do risco, participantes em diferentes estados de espírito avaliaram a probabilidade de acontecimentos negativos familiares e menos familiares, para alvos relevantes e menos relevantes. Os resultados mostram um enviesamento optimista qualificado por um efeito de interacção: riscos familiares só originam invulnerabilidade única quando o estado de espírito é negativo.

*Palavras-chave:* Infusão de afecto, percepção do risco, percepção do suporte social.

### ABSTRACT

Two studies examined the effects of familiarity and relevance in affect infusion (Forgas, 1995), with two types of cognition: risk perception and perceived social support. In the social support study, participants in different affective states assessed how many people they perceived as available to support them in situations with different degrees of familiarity and relevance. Results showed an «affect infusion» effect only on less familiar situations. In the risk perception study, participants in different affective states assessed the probability of familiar and unfamiliar negative events to relevant and irrelevant targets. Results showed an optimistic bias qualified by an interaction effect: the perceived unique invulnerability is stronger in the negative mood condition, the only condition capable of inducing unique invulnerability with familiar events.

*Key words:* Affect infusion, risk perception, perceived social support.